

# O Ecumenismo no Movimento Popular

Silvio Meincke

Na América Latina, especialmente no Brasil, toma força o Ecumenismo de Base. Distingue-se tanto do ecumenismo acadêmico dos teólogos quanto do ecumenismo de cooperação das igrejas institucionais. O Ecumenismo de Base é a prática da união que ocorre na luta solidária libertadora dos oprimidos. Acontece nos segmentos populares marginalizados, que se empenham na transformação social. Em outras palavras, o Ecumenismo de Base é um processo que une as pessoas nas organizações populares. É o ecumenismo do Movimento Popular. Para compreendê-lo, pois, é preciso, antes, dizer algumas palavras sobre o Movimento Popular.

## Fuzis contra Foices

Às seis horas de uma manhã de agosto, estacionam oito ônibus na Praça da Matriz, defronte do Palácio do Governo, no centro de Porto Alegre. Em torno de 600 agricultores sem terra descem dos ônibus. Trazem suas ferramentas de trabalho — foices, enxadas e facões — como símbolos de suas reivindicações: querem terra para plantar. Imediatamente, armam as suas típicas barracas de lona preta nas sombras das árvores da praça. Vieram para cobrar as promessas dos governos estadual e federal. As autoridades tinham prometido uma área de terra a esse grupo de agricultores, para assento definitivo. Alguns deles esperam há cinco anos, armando as suas barracas e desarmando-as entre uma promessa e outra não cumpridas. Agosto é mês de preparar a lavoura para as safras de verão. Se não plantarem nas próximas semanas, ficarão sem colher, e os filhos passarão mais um ano de fome. Por isso, querem uma audiência com o governador. É para isso que vieram.

Enquanto a maioria dos agricultores vindos à praça se ocupam com a armação das barracas, seus representantes negociam, no Palácio, com os secretários estaduais da agricultura e da segurança.

Inesperadamente, ignorando as negociações, o comando da Polícia Militar ordena o ataque, com fuzis, baionetas, gás lacrimogêneo e metralhadoras. Os agricultores, apavorados, se defendem com as suas foices. No fim do tumulto, conta-se um policial morto e 72 agricultores feridos, vários deles baleados. Toda a grande imprensa volta-se contra os agricultores, qualificando-os de bandidos, assassinos, fanáticos, animais ferozes. A tal ponto invertem os fatos que o Sindicato dos Jornalistas, indignado com as distorções, decide editar um jornal próprio, com as fotos e as matérias originais, censuradas e manipuladas pelas empresas jornalísticas.

Entre os agricultores sem terra há católicos, luteranos, metodistas, congregacionais, umbandistas, espíritas e adeptos de tantas outras religiões quantas compõem o colorido mosaico das inúmeras expressões de fé do sincretismo religioso brasileiro. Une-os a necessidade de lutar pela vida e a esperança de conquistar um pedaço de terra no país do latifúndio. Unidos entre si, sentem-se unidos a outras organizações populares que, igualmente, alimentam a utopia de uma nova sociedade.

## **A Sociedade Dividida**

O Ecumenismo de Base nasce no terreno da injusta divisão da sociedade.

A sociedade brasileira sempre esteve drasticamente dividida. O enorme desnível entre riqueza e pobreza acentua-se cada vez mais. Conforme relatório divulgado no mês de agosto, pelo Banco Mundial, a pobreza no Brasil aumentou, entre 1981 e 1987, em 43,48%, ao lado de um vertiginoso enriquecimento de uma pequena parcela da sociedade. O mesmo relatório revela que, entre todos os países em desenvolvimento, durante os últimos 20 anos, o Brasil apresentou sempre uma das mais injustas distribuições de renda e que, atualmente, só perde para Honduras e Serra Leoa. Um dos mais baixos salários e a exploração de milhões de bóias-frias (trabalhadores sazonais) no campo alimentam lucros fantásticos e fazem crescer o latifúndio. Assim, o Brasil, como oitava economia e quinto exportador de grãos, neste período de 6 anos, aumentou o número de seus pobres (os que ganham menos de US\$ 370 anuais) de 23,1 para 33,2 milhões de pessoas.

Todos os movimentos de resistência popular foram massacrados no decorrer dos 490 anos de história. O Movimento dos Agricultores Sem Terra, massacrado pelo golpe militar de 1964, e rearticulado a partir de 1978, é um desses movimentos de resistência. Hoje, conta-se, no País, nada menos do que 902 focos de conflito, envolvendo mais de um milhão de famílias, que disputam 17 milhões de hectares.

Em grandes traços, podemos descrever a divisão da sociedade caracterizando três segmentos sociais:

### **A Elite Dirigente**

A elite compõe a pequena parcela de 5% das famílias milionárias. Moram nos centros das cidades e nos bairros luxuosos. Isolam-se em mansões e condomínios fechados, com guardas particulares e cães ferozes. Comportam-se e consomem, como se vivessem em outro país, culto e rico. Ignoram a fome de 70% da população. Têm influência política e poder de decisão. A classe média (25% da população) alia-se politicamente à elite.

### **A Massa**

Outra parte da sociedade dividida é a grande massa dos empobrecidos. Na cidade de São Leopoldo, berço da imigração alemã, e considerada uma cidade rica, nos últimos anos, surgiram nada menos do que 113 loteamentos irregulares — nos banhados, à beira do rio, sobre os antigos trilhos da

estrada de ferro, debaixo da alta tensão. São famílias que não conseguem comprar um terreno para morar, a maioria vinda do campo. A massa é apática, não acredita na sua força, deixa-se manipular, é vítima da desinformação veiculada pelos meios de comunicação social, controlados pela elite. Vende o seu voto por um cesto de alimentos, por uma consulta médica ou um remédio contra a dor de dente. Aplauda os políticos demagogos da elite e não desconfia que vota contra si mesma. Deixa-se usar como massa de manobra, porque está desorganizada e despolitizada.

### **O Povo**

A massa torna-se povo, quando descobre as causas profundas da sua pobreza; quando se mobiliza para mudar a situação; quando toma consciência da sua dignidade, dos seus direitos, dos seus valores e da sua força; quando supera soluções individualistas e passa para a ação conjunta; quando ganha força para participar das decisões que lhe dizem respeito; quando aprende a valorizar suas poesias, seus cantos, suas expressões religiosas e tem orgulho disso. O povo distingue-se da massa quando se organiza, cria um projeto coletivo próprio e luta por ele.

### **Os Animadores**

Para tornar-se povo, a massa precisa de animadores que sabem interpretar os seus interesses, os seus anseios e as suas necessidades, porque vivem no meio dela; que sabem mobilizar as pessoas em torno desses interesses; que ajudam na reflexão e na organização; que estabelecem contato com outros grupos organizados, para ampliar a luta. Esses animadores podem surgir da própria massa ou podem vir de fora e inserir-se nela. O adjetivo *popular* — movimento popular, educação popular, cultura popular, agente popular, pastoral popular — refere-se a essa parcela oprimida da sociedade que se organiza para a libertação.

A elite dirigente sempre usou de todos os meios para impedir esse processo de massa que se faz povo; sempre fez e faz tudo para reverter o processo e jogar o povo de volta à sua condição de massa. Para isso, usou e usa tanto a violência direta, com ajuda da polícia e das Forças Armadas, quanto a astúcia, que confunde, desinforma, engana e manipula.

### **O Movimento Popular**

O Ecumenismo de Base surge na prática das organizações populares.

A partir do fim da década de 1970, com o fracasso do regime militar e a conseqüente abertura política, o povo voltou a criar as suas organizações em toda parte. Além do movimento dos agricultores sem terra, surgiram o movimento dos sem-teto, dos meninos e meninas de rua, dos povos indígenas. Surgiram os clubes de mães, as associações de moradores, o movimento contra as barragens, o movimento de consciência negra e tantos outros. Entre os mais bem organizados, em âmbito nacional, estão os agricultores sem terra. No Sul do país, eles são os descendentes, em sua maio-

ria, dos imigrantes alemães, italianos e poloneses. No Norte, são os descendentes dos escravos negros, dos índios destribalizados, dos mestiços. Dada a injusta e absurda política agrária, eles não conseguem comprar terra ou perderam a terra para os bancos ou tiveram de entregá-la para pagar as despesas com o médico. Resistem e querem continuar como trabalhadores para não caírem nas favelas das periferias da cidade. Como forma de pressão, organizam acampamentos e ocupam latifúndios improdutivos. Quando as promessas não cumpridas se avolumam, podem atrever-se a ocupar uma praça da cidade e acampar defronte do Palácio do Governo. Foi isso que fizeram em Porto Alegre.

O Movimento Popular, afirmam alguns analistas, é a força estruturante de uma nova sociedade que, irreversivelmente, vai encerrar o ciclo do capitalismo selvagem na América Latina. As inúmeras organizações populares são comparáveis aos afluentes do caudaloso rio do Movimento Popular. Ainda que a elite conservadora obstrua o curso do rio com todo tipo de represas, as águas haverão de transpor e romper os obstáculos para fazer o seu caminho.

### Os Cristãos no Movimento Popular

Muitos cristãos latino-americanos atuam no Movimento Popular. É a parcela dos cristãos conscientes da realidade social, que localizam a pobreza e a fome no injusto dualismo social e lutam contra ele a partir dos interesses e da ótica dos excluídos. Vêm as raízes da fome, principalmente, no desequilíbrio das relações de poder entre a elite e a massa, e não na falta de produção nem na mistura de raças ou na falta de vontade de trabalhar, conforme querem alguns ideólogos da elite. Uma parte dos cristãos está no Movimento Popular, porque eles mesmos são marginalizados e, por isso, se unem a outros excluídos, para lutar pela mudança. Nessa luta constroem uma nova auto-imagem e uma nova identidade. Superando o sentimento de inferioridade e de esquecidos de Deus, passam a descobrir-se como preferidos do Deus Libertador que conduziu seu povo escravizado para a liberdade; que enviou profetas para condenar os reis opressores; que encarnou na realidade humana, sujou suas sandálias na poeira e se fez rodear dos *impuros e pecadores*, dos excluídos da sociedade de então. Percebem a presença de Deus não mais somente no templo, na hierarquia, na pregação do pastor, mas nos gestos de solidariedade dos que apóiam o processo de libertação. Outra parte dos cristãos conscientes inserem-se no Movimento Popular, como agentes animadores, porque vêem nele uma forma de mediar o amor ao próximo e o Novo Céu e a Nova Terra em que habita a justiça; porque descobriram a realidade social dos pobres como lugar teofânico; porque querem ouvir com Deus o clamor do seu povo; porque entendem a conversão também como mudança de atuação política, e não só de atuação na vida individual e privada; porque entendem que Jesus sempre veio da periferia e que no centro estavam os seus inimigos; porque entendem

que Jesus não morreu para nos salvar, mas veio para nos salvar e, por isso, morreu; porque se inspiram na fé profética alimentada pela utopia do Reino; porque entendem que Jesus questiona o ordenamento social injusto, e não o sustenta.

## O Ecumenismo no Movimento Popular

O Movimento Popular está aberto para todas as pessoas e grupos que buscam a transformação social a partir das necessidades dos oprimidos; que buscam a justiça no contexto de injustiças; a igualdade de direitos numa sociedade dividida; a fraternidade numa sociedade excludente; a partilha numa realidade acumuladora de privilégios individuais; a dignidade onde ela é constantemente pisada; a participação criativa onde as pessoas são usadas como objetos. Nesse esforço, a esperança e a fé cristãs são uma vertente entre outras. No Movimento Popular participam cristãos de todas as confissões, mas também humanistas, marxistas, umbandistas. Por isso, é amplamente ecumênico. O ecumenismo já acontece no esforço conjunto para construir a nova *oikos* (casa) e o novo “ecúmeno” (o mundo habitado), para que sejam acolhedores, fraternais, justos, igualitários, amorosos. Trata-se de um ecumenismo amplo, que vai além das fronteiras das confissões cristãs e cujo critério não é a coincidência de doutrinas e dogmas, mas a promoção da vida. Uma união “religiosa” anterior, para, então, arrumar a casa é um processo penoso, cheio de ciúmes e desconfianças. O Movimento Popular une os oprimidos para arrumar a casa. Reflete a teologia e celebra as vitórias e derrotas a caminho. A reflexão teológica e a celebração litúrgica do ecumenismo são um segundo momento. São conseqüências do ecumenismo já existente na ação, ao mesmo tempo que animam e realimentam a unidade na ação. O culto ecumênico é expressão celebrativa da solidariedade já em processo na edificação conjunta da casa ecumênica.

A contribuição específica dos cristãos no Movimento Popular é o anúncio da boa nova do amor de Deus a todas as pessoas, ricas e pobres (o rico não está excluído do amor de Deus. Por isso, é convidado a participar no movimento ecumênico da construção de uma sociedade justa); a confissão de fé em Jesus Cristo como Senhor, Salvador e Libertador dos oprimidos; a denúncia evangélica de todos os poderes contrários à promoção da vida; a leitura da Bíblia como testemunho concretado da história da libertação de Deus com seu povo; a celebração da presença de Deus na luta do seu povo; a oração a Deus que ouve o clamor do seu povo. Ou seja, é tudo aquilo que os Pais da Igreja chamam de *martyria*.

É a comunhão, a fraternidade, a partilha que transcendem o nível dos interesses, porque são frutos da libertação do evangelho. Ou seja, é tudo aquilo que os Pais da Igreja chamam de *koinonia*.

É a gratuidade do serviço que transcende a expectativa da retribuição, por ser resposta ao amor já recebido. Ou seja, é tudo aquilo que os Pais da Igreja chamam de “diaconia”.

Essa é a contribuição dos cristãos no Movimento Popular. Outros participantes bebem em outras vertentes, buscam forças em outras convicções e se inspiram em outras utopias. O critério ecumênico não reside na unanimidade de confissão, de doutrina, de dogma, de expressão da fé, mas na luta conjunta por um projeto comum, qual seja, a libertação dos oprimidos e a promoção da vida. Trata-se de uma libertação ampla, material e espiritual, que abrange todos os campos essenciais e existenciais da realidade humana. As velhas estruturas da sociedade dividida insistem em impedir essa libertação.

Os agricultores sem terra feridos e o policial morto no confronto da Praça da Matriz, ainda que em palcos opostos, são protagonistas do mesmo conflito: o conflito que resulta do choque entre os que querem manter as velhas estruturas sociais, porque aí se sentem seguros e privilegiados, e os que as querem transformar, porque se sentem por elas excluídos.

Silvio Meincke  
Pastor da IECLB  
Bairro Canabarro  
95890 — Teutônia — RS